

Gustavo Noronha Silva

*Liminaridade e Communitas em Victor  
Turner*

Universidade Estadual de Montes Claros / UNIMONTES

maio / 2004

Gustavo Noronha Silva

*Liminaridade e Communitas em Victor  
Turner*

Trabalho apresentado à disciplina Antropologia III do terceiro período do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Montes Claros.

Orientador: Prof. Carlos Caixeta

Montes Claros

maio / 2004

## Introdução

Os rituais são discutidos constantemente nas diversas teorias antropológicas que se desenvolveram ao longo do tempo. Alguns autores, como Durkheim, colocam o ritual como peça fundamental para compreensão das sociedades. Para esse autor, em específico, só existe aquilo que é praticado, a ação é que dá existência a instituições sociais. Outros autores, como Lévi-Strauss deixam de lado os rituais, procurando o inconsciente que existe nas ações sociais.

Victor Turner discute no capítulo *Liminaridade e “Communitas”* de seu livro **O processo ritual**, um tipo específico de ritual: o chamado *rito de passagem*. Arnold van Gennep (1960, citado por Turner, 1974), define esses ritos como “ritos que acompanham toda mudança de lugar, estado, posição social de idade”. É sobre essa espécie de ritual que trato no presente ensaio para discutir os conceitos de *liminaridade* e *communitas*.

## Liminaridade

Alguns autores, entre eles Turner, falam de rituais de passagem como um ritual de distanciamento do indivíduo da sua estrutura social e, depois, um retorno, com novo *status*. A *liminaridade*, ou *fase liminar* é a fase intermediária entre o distanciamento e a reaproximação em que as características do indivíduo que está “transitando” são ambíguas, misturando sagrado e profano, por exemplo. Esse é um dos principais pontos em que Turner discorda de alguns de seus colegas, para os quais existem espaços bem definidos de sagrado e profano e que os ritos de passagem se dão com uma simples ida para o estado sagrado e, posteriormente, a volta ao estado profano original.

Turner relata que a liminaridade é frequentemente comparada à morte, invisibilidade e outros “estados” que demonstram que, como seres liminares, os indivíduos não possuem *status*, qualquer que seja, e mostra que por várias vezes as roupas “normais” são sub-

stituídas por simples tiras de pano ou, até mesmo, nudez, para simbolizar essa falta de *status*.

No estado liminar, dado o distanciamento simbólico da estrutura hierárquica da sociedade, aparece um segundo modelo que alterna com essa estrutura: um estado de comunidade ou comunhão, de indivíduos iguais, um estado que ele chama de *Communitas*.

## Communitas

A *communitas* não é, segundo Turner, e como já podemos perceber pela breve introdução que foi feita ao assunto acima, quando tratei de liminaridade, uma simples distinção entre o sagrado e o mundano, por assim dizer. O sagrado, presente em diversos “cargos” da estrutura hierarquizada de uma sociedade, vem de ritos de passagem graças aos quais as pessoas adquirem essa posição. Nos rituais em que tal *status* é concedido, segundo Turner, a humildade da igualdade do estado liminar modera o orgulho do indivíduo que o recebe.

O autor pensa que isso se deve a um reconhecimento de um laço humano essencial para a existência da sociedade: para haver o que está “acima”, deve existir alguém que esteja “em baixo”. Mais do que isso, o indivíduo que se eleva deve sentir na pele o que significa estar abaixo. Daí o fato de que, em vários ritos de passagem para empossamento de líderes seculares e espirituais, seja costume de vários povos denegrir a imagem do indivíduo que está trocando de *status*.

Turner dá outros motivos para esse tipo de ritual na posse de líderes: acabar com qualquer pendência que ainda exista entre o futuro líder e pessoas que se sentiram lesadas por ele. É costume em algumas tribos, segundo ele, que as pessoas que se sentiram de alguma forma prejudicadas pelo futuro líder sejam convidadas para uma sessão de “descarrego” em que podem falar o que quiserem para humilhar e protestar contra ele. O futuro líder deve ouvir tudo sem responder e, depois de empossado, deve considerar

que todas as diferenças que existiam até então tenham sido superadas ou, pensando na perspectiva da liminaridade, deixadas na vida que vivia anteriormente, em outro *status*.

## Conclusão

Os ritos de passagem marcam mudanças do indivíduo na estrutura social e, de acordo com os conceitos de liminaridade e *communitas* de Turner, essa passagem envolve algo como um renascimento. Para mudar de *status* o indivíduo é, primeiro, distanciado da estrutura social, como se morresse ou deixasse de existir naquela posição que ocupava na sociedade. Passa, então, por um processo liminar, em que está fora da sociedade, em que é colocado em um estado de igualdade e humildade, desprovido de *status*. Só então o indivíduo volta a ser integrado à estrutura social, ocupando agora uma nova posição, como se renascesse.

## Referências Bibliográficas

TURNER, Victor W. *O processo ritual*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1974. p. 116-159.